

## Apresentação

A originalidade da obra de Patativa do Assaré está na capacidade de incorporar saberes vários a partir de seu lugar de fala, da variedade linguística sertaneja, da sabedoria popular adornada de saberes ancestrais. Cada verso e suas rimas são como que formas de interações múltiplas. Cada composição verte imagens de um sertão rico de belezas, que se transforma em jardim de cheiros, sabores e fartura quando a chuva cai no torrão esturricado. Mas, mesmo no chão seco e rachado, o poeta é capaz de haurir dali a beleza escondida. Trata-se de obra que nasce do espanto, aquele espanto filosófico. Como ele mesmo registrou: “Pra toda parte que eu óio vejo um verso se bulí.”

O signo por excelência em Patativa parece ser o da esperança. Sua originalidade consiste ainda na capacidade de entrelaçamento, no encontro do homem sertanejo com a natureza. Nota-se, em sua obra, que as “falas da natureza” entram boca adentro e se revelam no canto entoado. Por isso, o significado das coisas e dos objetos parece aumentar, porque se relacionam uns com os outros. A própria característica de compor sempre em rimas expressa esse entrelaçamento.

A poética de Patativa é uma voz capaz de tocar a existência desde a linguagem comum de todo dia e dos temas mais corriqueiros, haurindo daí a matéria-prima para sedimentar a vida de sentido. Desde o trabalho pesado na agricultura, no trato com a terra, as plantas, os bichos, Patativa gesta sua obra, tendo como primeira mídia seu próprio corpo, mídia viva, porque sua poética é voz. E voz aqui está para além do que se costuma se referir com o

termo “oralidade”. Como insiste Zumthor (1993, p. 9)<sup>1</sup>, “a ‘oralidade’ é uma abstração; somente a voz é concreta, apenas sua escuta nos faz tocar as coisas”.

O verbo “tocar” é elucidativo. Tem que ver com afeto, com pegar, apalpar, roçar. Resvala, portanto, a dimensão dos sentimentos e pode se ampliar para o aspecto da contemplação, que se refere com o ato de concentrar longamente a vista. Mas não somente a vista. Contemplar tem relação com os outros sentidos, como o paladar, o olfato, o tato, a audição, o corpo todo. A poesia de Patativa é corpo. Nisso consiste o aspecto fundamental da obra de Patativa do Assaré: a performance. Pela voz em seu movimento teatral e presencial, que está relacionado com a presença do corpo, que captura e atrai a audiência, atrai o outro. Patativa é voz. Por isso não se deixa domar pela linearidade da escrita. A voz é indomável.

Desse modo, a partir da voz e seu caráter indomável, a poesia pode estar em qualquer lugar. Amplifica-se na escrita, no rádio, na televisão, no cinema e nas artes em geral, bem como nas chamadas novas mídias. Isso porque estamos tratando de uma obra que se apresenta no terreno da cultura. Os processos criativos do poeta se inserem nos processos móveis da cultura, os quais se desencadeiam e se intercomunicam em múltiplas conexões, em percursos a transpor, como uma espécie de borda (FERREIRA, 2010)<sup>2</sup>. De modo que, o mais importante não é a origem nem o fim da obra em si, mas o durante, os processos que ladeiam.

A vasta obra do poeta pode ser comparada a um grande cordel de muitos temas e de infinitas cores que, a

---

1 ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

2 FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**: edição, comunicação, leitura. Cotia: Ateliê, 2010.

partir de pequenos encaixes ou filigranas, tece uma bela peça. Essa peça revela o Brasil, aquele Brasil profundo ou, nos dizeres de Patativa, o “Brasil de baixo”. Na obra de Patativa do Assaré, é possível perceber o rosto de um povo, suas variedades linguísticas, seus sotaques, suas danças, sua culinária, seu modo de andar, vestir-se e encarar a vida.

Em 2019, o poeta completaria 110 anos e para homenageá-lo foi então que surgiu esse livro coletivo. Surpreendentemente, a ideia não demorou muito para ser acolhida entre os diferentes autores convidados a participar da obra, cujo objetivo é mostrar os múltiplos olhares sobre Patativa do Assaré, o poeta agricultor, que plantou seus versos na memória e os apresentou ao mundo. A poesia de Patativa tem um encantamento e quem adentra o seu canteiro poético colhe versos de extremada beleza.

O presente volume apresenta 14 capítulos. O texto que abre o livro é uma *Carta a Patativa: meu corpo pertence ao sertão*, de Elinaldo S. Meira, que rememora o “sertão-mundo” e a saudade do Mestre. Em seguida, o texto “Vivo Debaixo de Chuva / Mas pingando de suó!” *Patativa no Pará*, de autoria de Gilmar de Carvalho, Ismael Pordeus Jr. e Antonio Gonçalves da Silva. Nesse capítulo, os autores mostram a vida, as andanças e a memória do poeta. O terceiro capítulo, *Era uma vez Patativa e o ressoar de seu canto...*, dos autores Rafael Hofmeister de Aguiar e Márcio Renck, trata da metamorfose de Patativa e de seu canto numa dimensão mítica.

No quarto capítulo do livro, *Patativa e a Arquitetura da Voz*, o autor João Lucas Vieira Nogueira analisa a arquitetura da poesia de Patativa centrada na voz. No quinto, Antonio Iraildo Alves de Brito, em *Os passarinhos de Patativa*, discute a relação entre o artista e seus processos

criativos. No artigo sexto, *Mulher e erotismo na poesia de Patativa do Assaré*, Maria do Socorro Pinheiro mostra o lado erótico do poeta e sua relação com a mulher, perscrutando esse terreno poético-erótico-amoroso. No sétimo artigo, *A temática feminina na obra de Patativa do Assaré*, as autoras Gilquele Gomes de Araújo e Ariane Silva da Costa Sampaio analisam dois tipos de mulher em sua poesia: a ideal e a transgressora. Por sua vez, os autores Stélio Torquato Lima e Arusha Kelly Carvalho de Oliveira, no capítulo *Figurações da Memória e da Identidade em Cante lá que eu canto cá*, tratam do espólio literário do poeta, refletindo sobre o processo de construção de uma identidade do sertanejo.

O nono artigo *A poética patativana: entre a estética e a crítica social*, a autora Renata de Carvalho Nogueira discute o forte caráter político e social da obra de Patativa, entre outras questões importantes. No décimo capítulo, *Patativa: poeta histórico e universal*, os autores Nabupolasar Alves Feitosa e Nabucodonosor Alves Feitosa encetam uma discussão séria sobre a obra do poeta, em interação com as questões do seu tempo e ainda como universal. O capítulo décimo primeiro, *Patativa do Assaré: Canto encantador*, o autor Francisco Anizeuton de Souza Leite mostra a relação do poeta com os menos favorecidos, além de discutir a poesia como instrumento de formação do leitor.

No décimo segundo capítulo, *Desafio na comunidade poética de Assaré: Uma leitura de "Pergunta de Moradô" e suas "Respostas"*, a autora Adriana Nuvens de Alencar apresenta um momento de debate entre o poeta e a comunidade patativana. O autor Rodrigo de Albuquerque Marques, no seu capítulo *A Filosofia de um trovador nordestino*, faz uma reflexão sobre a linguagem matuta dos poemas, a condição de agricultor e a visão manique-

ísta e providencialista da História. O décimo quarto e último capítulo, *A natureza e o homem integral na poesia de Patativa do Assaré*, o autor Carlos Gildemar Pontes discute o fazer poético de Patativa, questiona a marginalidade de sua obra e sua ausência no cânone.

Cada articulista percebeu um Patativa na sua estreita ligação com a natureza, com o homem, com a mulher, com a política, com a sociedade e com o mundo. Sua obra traz vida e, portanto, se eterniza naqueles que compreendem a dimensão poética da obra. Assim como Machado de Assis prognosticou a imortalidade de seu amigo José de Alencar, no prefácio do romance *O Guarani*, publicado para uma edição da qual saíram apenas os primeiros fascículos, em 1887, também aqui pode-se anunciar sobre o poeta de Assaré: Tu viverás!

Antonio Iraildo Alves de Brito

Maria do Socorro Pinheiro

Organizadores